



## SEÇÃO: APRESENTAÇÃO

# James Baldwin na era de Vidas Pretas Importam

*James Baldwin in the era of Black Lives Matter*

**Norman R. Madarasz<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-7574-3744](https://orcid.org/0000-0002-7574-3744)

[norman.madarasz@pucrs.br](mailto:norman.madarasz@pucrs.br)

**Jonas Kunzler Moreira**

**Dornelles<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-2984-5456](https://orcid.org/0000-0003-2984-5456)

[jkdornelles@hotmail.com](mailto:jkdornelles@hotmail.com)

**Recebido em:** 6 mar. 2022.

**Aprovado em:** 11 mar. 2022.

**Publicado em:** 1 jul. 2022.

## Introdução

*"A ilusão Americana não é somente que seus irmãos são todos brancos, mas que os brancos são todos seus irmãos".*  
(James Baldwin)

*"Como quer que se apresente, o poder de dominação e de exclusão é central na crença de ser branco, e, sem ele, "pessoas brancas" deixariam de existir por falta de razões".*  
(Ta-Nehisi Coates)

Eu não posso sentir o medo que passa pelos dedos enquanto empurram o teclado para criar uma frase ou verso, em minha mente ao andar na rua, e muito menos no silêncio do meu lar, um silêncio equivalente a um sentimento de segurança de qual não posso duvidar. Reconheço que muitos sentem este medo por razão, por uma história. Sentem por causa de uma abordagem policial na rua, que se justifica por uma determinada cor de pele que se teria, assim como por agentes de segurança privada nos corredores dos institutos de ensino superior, em que não se teria nenhuma razão para estudar. Esta cor, certas pessoas insistem em chamá-la *raça*.

Por causa desta designação, cresce a plausibilidade de que o papel que me protege do mundo afora e no qual alinham-se orações ritmadas, estruturadas, lindas, seja pulverizado por canetas feitas de balas performativas, cujo conteúdo nada parece com uma tinta. Não há garantia alguma que ao abrir um livro intitulado *The Fire Next Time, Entre o Mundo e Eu, A Origem dos Outros* ou *O Avesso da Pele*, encontrarei os meios para responder a seus apelos, sequer escutar seus versos. Ninguém sugere que realizar uma rotação racial é algo de qual a imaginação e a literatura são capazes. No entanto, há algo no conforto desprezível do privilégio, adquirido pela promessa a ocupar uma posição de sujeito livre (livre de crimes, mas não de ser proprietário, dominador e opressor) que subscreve ao que tal rotação se torne senão uma missão, então



Artigo está licenciado sob forma de uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

pelo menos uma responsabilidade inalienável. A rotação racial faz-se uma prioridade das mais urgentes. Deve ser entre os primeiros atos de cidadania a se realizar em nossa cultura, como se fosse a visita para a Meca por um muçulmano.

Uma parte da imensa repercussão da obra monumental de James Baldwin é de ter convocado insistentemente aquele leitor, "que se acredita ser branco", a iniciar esta rotação. Não que ele mesmo estivesse convencido que fosse possível, que a rotação iria de encontro com a lei cósmica de conservação do momento do ângulo rotacional. Sem este, uma estrela levaria um sistema planetário inteiro a seu colapso, mas era a única condição para evitar que aquele fogo, profetizado por Moises e por Baldwin no fim de *The Fire Next Time (O Fogo na Próxima Vez)*, acendesse de verdade. Implicam-se nesta rotação coisas que rasgam a imaginação por seu terror e pelo sofrimento que causara a tantos africanos, fatos que nem um memorial pode substituir, e o único gesto que conta, o da reparação.

Ser um sujeito livre não se justifica pelo medo de se ver escravizado, ao contrário daquilo que defendera o pai do liberalismo John Locke (supostamente também "pai dos direitos humanos"), em seu *Segundo Tratado sobre o Governo*. Se fosse assim, o sujeito livre sonharia com uma sociedade igualitária. Ao contrário, conforme Locke, o sujeito livre é *proporcionado* pela existência da escravatura. Desde a democracia ateniense é assim, e estamos longe de ver como uma ideia tão disseminada possa produzir tamanhas mutações políticas. Para o liberal Locke, o medo é apenas o de perder seus privilégios e sua supremacia. Será que precisamos lembrar que um dos comércios "liberados" pelo mercado empresarial era o trato de humanos, de humanos africanos, e que o liberalismo sempre conviveu bem com a escravidão? Nem o açúcar, nem o café, nem o algodão foram as mercadorias largamente distribuídas pela Europa, antes da experiência colonial. Mais ainda, nenhum destes produtos que fizeram a fortuna do incipiente livre comércio teria existido *sem* a escravatura. Porventura, sequer teria existido o moralismo ocidental, pois

fica difícil imaginar discussões filosóficas sobre o "mal radical" que não considerem a experiência escravocrata nas américas. Atrocidade que em sua primeira instância, ocorreu para as pessoas das nações originárias nas terras os brancos ocuparam, mas que afetou de maneira também perversa as nações originárias das terras continentais longínquas.

Na leitura da obra de Baldwin, pode-se encontrar essa concepção, na qual tanto a história quanto a ficção se criam nesta rede dividida pelo medo socialmente fabricado. Pela atenção que exige do leitor, o escritor clarifica a percepção de que para viver um passado que não parou no presente, a imaginação precisa se coletivizar. Algo como uma privatização da imaginação que provoca apenas o prazer eufórico individualizado, como a pretensão de um ouvinte de jazz que se sente em sintonia direta com tal ou qual músico, podendo cantarolar suas melodias ou entonar os gritos do seu saxofone mercantilizados pela indústria cultural. Mas a experiência estética não deixa de corrigir o terror original. Um terror que se superou apenas por furor. Baldwin escrevia para os Estados Unidos da América. Mas no Brasil atual, com a desigualdade econômica empurrando grandes parcelas do povo para o desespero, nos pormos a escuta das relações de Baldwin frente ao retrocesso conduzido e consagrado por formas disfarçadas e explícitas de opressão racista.

Até suas últimas falas, no prestigioso National Press Club em Washington D.C. no ano de 1986, James Baldwin sempre se apresentava como neto de pessoas escravizadas. Confrontava seu público com a escravidão, não apenas como comércio, mas também como um fundo de investimento que tornara vastos setores da cidadania norte americana muito ricos (THE-POSTARCHIVE, 2019). Baldwin nunca permitiu que seu próspero público esquecesse do fato de que, em nome da branquitude da pele, se outorgou o direito de apropriação às terras das nações e comunidades originárias, inscrevendo sua cor sob um título jurídico desconhecido por elas, denominando-os de propriedade privada.

Impediu que esquecessem de que foi em nome da justificativa da cor, que os brancos mataram alguns de seus melhores amigos. De fato, como um entrevistador mencionou uma vez, que foi em sua busca de tornar-se testemunha dessas vidas perdidas, que Baldwin logrou tornar-se um repositório de libertações.

## 1 A potência literária de James Baldwin

Jimmy Baldwin era também um monumental escritor. Nascido na época da *Harlem Renaissance*, Baldwin reúne e dialoga, defende e sofre com as principais expressões da Libertação africana-americana na época da Guerra Fria. Em uma tensa triangulação entre Malcolm X e Dr. Martin Luther King Jr, ele era o vértice ofuscado. Pois contrário a seus amigos, ele sobreviveu, e sobreviveu porque partiu para se exilar não apenas uma, mas duas vezes. Autor de seis romances, cada um deles marca em seu movimento o ritmo internacional da emancipação *Black*.

*Go Tell it on the Mountain*, publicado em 1953, força a literatura de expressão inglesa a recontar a narrativa de formação da nação afrodescendente, fissurando-a com sentimentos vindo desde as primeiras capturas coloniais nos continentes africanos. *Notes of a Native Son (Notas de um filho nativo)* deixa claro que, após a repercussão das duas tentativas anteriores, a nova onda tinha chegado para valer. A primeira onda vinha com a subversão das narrativas de formação da identidade nacional norte-americana, na década da integração, após a Proclamação da Emancipação em 1861 e a derrota dos Estados Confederados da América em 1864. A segunda onda seguiu a Primeira Guerra Mundial, aquela guerra travada entre liberais brancos visando monopolizar o colonialismo no continente africano. A onda na qual Baldwin se destaca não se dispersará mais, mesmo que precisasse de um longo desvio parisiense para afirmá-la.

Em 1956, com *Giovanni's Room (O Quarto de Giovanni)*, Baldwin escapa da disciplina imposta pela literatura comercial ao tecer uma narrativa

não apenas em parte sobre brancos, mas sobre gays e o desejo homoerótico. Hoje reconhece-se no romance um precursor da ficção queer pós-racial. Na mesma época, Baldwin publicava sua reportagem sobre o primeiro Congresso de Escritores e Intelectuais Africanos de Paris, no qual circulavam os nomes, ainda desconhecidos pelo *Establishment*, de Alioune Diop, Leopold Sédar Senghor, Aimé Césaire, Léon-Gontran Damas e Frantz Fanon. Agentes da CIA demonstraram conhecer a importância desse evento da *Négritude*, ao negar o pedido de visto de W.E.B. Du Bois, efetivamente barrando sua participação.

Entre suas proezas, *O Quarto de Giovanni*, publicado a primeira vez em 1956, conseguiu ultrapassar as epopeias da literatura da geração *beat* que lhe eram contemporâneas. Quando Baldwin percebera que não as calou, voltara com mais força em 1962, com um romance que poderíamos chamar de *hipster* (já que quintessencialmente nova-iorquino) *Another Country (Numa Terra Estranha)*. No caso de Baldwin, seu terceiro romance materializava a verdadeira ponte entre o Village e o Harlem, de tal modo que deveria ter destruído a cultura *beat*, naquilo que ele identificava como um subtexto de supremacia branca, violência sexual e desejo homoerótico reprimido.<sup>2</sup> A partir deste momento, era Baldwin que ditava os termos do movimento. Tentava mantê-lo no olho do público mesmo depois que as balas do FBI abaterem seus companheiros, líderes históricos de uma nação ainda sem Estado.

Se a juventude anglo-americana que se acredita ser branca mergulhava com prontidão nas expressões artísticas afro, como se representassem as chances da sua salvação, seus pais pareciam desejar que o sangue se espalhasse. O reforço trazido pelos sulistas às leis segregacionistas, justificadas como se fizessem parte de uma luta contra uma nova forma de comunismo, tinha ares de farsa. Entre as linhas, indicava que se preparava um massacre. Embora livre dos linchamentos regulares cometidos contra negros no território dos antigos Estados Confederados da

<sup>2</sup> Cf. "The Black Boy Looks at the White Boy", texto de James Baldwin, publicado primeiro na revista *Esquire* (1961), e depois em sua coletânea de ensaios *Nobody knows my name* (no mesmo ano).

América (novo país secessionista derrotada pelos Estados "Unidos"), o racismo vigente no Norte conduzia frequentemente à pobreza, quando não à prisão. Para um país em falta de uma epopeia bíblica cristalizada em prosa jornalística, *The Fire Next Time* cumpriu oportunamente o papel. Fora nada menos que um presságio para pressionar os nortistas a também se livrarem do seu racismo. O livro garantiu o lugar de James Baldwin na história. Conduzira o então presidente a ouvir o apelo de Martin Luther King e decretar o Civil Rights Act, em 1965.

Baldwin então se faz professor. Detendo-se na mesma avenida onde o levava sua professora de ensino médio para frequentar bibliotecas, trouxera agora seu povo para o Broadway. *Blues for Mister Charlie*, de meados dos anos 1960, é o *Esperando Godot* desses anos de revolução, fazendo de Baldwin seu poeta. Perante os túmulos dos seus amigos assassinados aos montes, o escritor voltara a explodir corporalmente em *Tell me How Long the Train's been Gone*, seu quarto romance publicado em 1968. Ainda que o trem não tivesse de fato passado, forçoso é de se constatar que, abaixo do radar da revolução, as iniciativas de cotas universitárias (em vigor desde 1965) iniciaram uma lenta transformação da cor de pele da classe intelectual norte-americana. A liberdade criativa e intelectual crescente de proponentes afro-americanos não os livrou da violência, mas Baldwin podia inclusive levar temáticas queer à cena. Em 1967, ele produziu no Actor's Theater em Nova York a peça *Fortune and Men's Eyes* de John Herbert, uma ousada narrativa associando ao amor homoafetivo travado e reprimido com a violência racista descontrolada vigente no país.

No que diz respeito à possibilidade da ascensão social do artista negro, seu quinto romance, *If Beale Street Could Talk* (*Se a Rua Beale Falasse*), de 1974, não poupa seu pessimismo. O protagonista tem sua carreira destruída pelo racismo policial ordinário, que se aproveita da sempiterna sombra do estuprador negro para destruir a vida de mais uma pessoa. Não obstante, os bairros artísticos dos grandes centros urbanos se aprontavam para que carreiras artísticas

como a de Baldwin não pudessem se construir fora das demarcações oficiais de uma política de guetização. Após o sucesso impressionante do Harlem Cultural Festival do verão de 1969, ocorrido no Parque Mount Morris (hoje Parque Marcus Garvey), no qual se reunia os maiores nomes da música *soul* e *gospel* (e que acabou conhecido como *Black Woodstock*), a reconciliação entre comunidades parecia no ar. Porém, na perspectiva da maioria daqueles que desejavam se manter brancos, havia o medo de que tal reconciliação significasse uma indesejada revolução. Ainda mais no que diz respeito a James Baldwin, cuja fama revolucionária não lhe permitia encontrar segurança.

O sucesso da campanha internacional lançada por ele a favor da absolvição e libertação de Angela Davis, protagonizada pela incendiária Carta Aberta publicada no *New York Review*, lhe colocara permanentemente nas listas de vigilância – e quiçá de assassinatos agendados – do FBI (BALDWIN, 1971). Por recomendação de seus irmãos e irmãs, Baldwin ficará longe dos EUA, passando o fim dos anos de 1960 na cidade de Istanbul. Em 1970, ele comprará uma casa em Saint-Paul de Vence, sul da França, onde acolherá a nata da arte e intelectualidade afro-americana e francesa. Será só em 1972, depois desse exílio, que publicará o próximo ensaio em que trabalhou por anos. Uma obra prima, *No Name in the Street*, elabora sua análise do movimento da libertação negra dos anos de sessenta. Trata-se de um dos maiores livros sobre colonialismo e opressão racista desde *Os Danados da Terra* de Frantz Fanon. Seu conteúdo será magistralmente utilizado por Raul Peck quarenta anos depois para compor o filme de 2016, *I Am Not Your Negro* (*Eu não sou seu negro*). O último romance de Baldwin, *Just Above my Head*, criará ainda uma forma às suas inovações estilísticas.

O poeta já estava longe de Harlem quando explodiram o rap, o hip-hop e a epidemia do crack. Baldwin deixava o planeta quando as instituições só permitiam uma visão tendenciosa de um movimento no qual milhares foram atacados por cassetetes, carabinas e cães. Na nova era

presidencial, a força da resistência passava a ser retida em livrarias "radicais". Ele falecerá em 1987, antes de ver uma nova geração de artistas afro-descendentes (como Spike Lee, Henry Louis Gates Jr e Public Enemy) lograr no trabalho pela reeducação da classe média norte-americana. Ele tinha apenas 62 anos. Na sua despedida na igreja Saint-John the Divine, os tambores orquestrados pelo mestre percussionista nigeriano-Yoruba, Babatunde Olatunji, acompanhado pelo desfile das vozes literárias do seu tempo, ressoaram para envelopar sua alma, num sudário de trovões (JAMES BALDWIN, 1987).

Seria injusta reclamar que no Brasil, perdeu-se o momento de James Baldwin. As figuras nacionais que nos fornecem retratos aproximados também foram apagadas pela mesma dinâmica repressora que explica porque o país não reconheceu a pungência de seu próprio momento afro-brasileiro radical nos anos de 1960. O Brasil não precisava de Baldwin, quiçá não mais que de Frantz Fanon, pois tinha o Grupo Palmares e Oliveira Silva, tinha Abdias de Nascimento e Florestan Fernandez, e Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, entre tantas outras companheiras. Da mesma maneira que nos Estados-Unidos, o Brasil afro-descendente conseguiu no plano cultural e simbólico o que sua coragem e determinação conquistaram nas ruas, um Dia da Consciência Negra.

Hoje acumulam-se documentos audiovisuais, filmes, falas e entrevistas de James Baldwin, tanto em inglês como em francês. Durante os anos de 1970, a verdade é que o escritor passou por um apagamento midiático, político e acadêmico, junto com as duas décadas passadas que foram as suas. É justamente nessa época que, no Brasil, o povo afro-descendente realizou o despertar de um processo de manifestação política, musical, literária e intelectual que o levou, inclusive, a repensar sua própria relação com as linhas de pensamento do movimento norte-americano – uma representação infletida por intelectuais brancos. Entende-se que é nada simples *situar* esta questão, sobretudo quando se considera a atrativa isca empoleirada às "minorias" norte-a-

mericanas para que se juntassem aos processos de enriquecimento por acumulação extraída pelo neocolonialismo corporativista no América-latina. Em contrapartida ao dinamismo conquistado pela cultura do norte global, não estava ainda claro como poderia existir uma conexão ligando o continente em suas expressões e lutas afro-descendentes.

No lado do Norte, ainda faltava muita pesquisa para reconstruir o comércio transatlântico de corpos africanos e o terror que foi a "Passagem do Meio" pelo oceano Atlântico, nos navios "negreiros" que transportavam os sequestrados a seu terrível destino. O livro e subsequente documentário de Henry Louis Gates Jr., *Black in Latin America/Black In Brazil*, lançou mão de uma possível aproximação entre o Brasil e os Estados-Unidos que passasse por uma história comum, definidora do modo de trabalho que construiu estes países, entre os mais ricos em sua respectiva parte dos dois continentes.

Mais perto da casa, os rivais masculinos de James Baldwin não hesitavam a castigá-lo publicamente. Quem nunca o criticara nem o esquecera, foi a jovem geração de *escritoras* afro-americanas dos anos de 1980, a primeira sendo uma espécie de sucessora de Baldwin, Toni Morrison. Em um testemunho comovente, aflito e ultimamente comemorativo, publicado no *New York Times*, Morrison endereçava a palavra ao autor morto, lhe interrogando:

Você sabia, não? Como eu precisava da sua língua e da mente que a inventava? Como eu dependia de sua coragem feroz para domar aqueles mundos selvagens? Como eu me fortalecia pela certeza que vinha de saber que você nunca me magoaria? Você sabia, não, como eu amava o seu amor? Sabia, sim." Então isto não é uma calamidade. É uma celebração. "Nossa coroa, você disse, "já foi comprada e quitada. Tudo o que precisamos fazer agora é usá-la." E nós a usamos, Jimmy. Você nos coroou (MORRISON, 2019, p. 228-229).

A memória de Baldwin se mesclara com o sonho, como se fosse para deixar o palco do real inteiro para Toni Morrison. No final dos anos de 1960, Baldwin gravara uma conferência chamada "A responsabilidade moral do artista" (THEPOS-

TARCHIVE, 2017).<sup>3</sup> Uma destas responsabilidades é tomar controle dos meios de produção. É inestimável a contribuição que fez Toni Morrison à literatura afro-americana nascente justamente ao conquistar a posição de diretora de publicação, em uma das maiores editoras norte-americanas, Random House. Esta conquista ainda antecedeu sua ascensão como uma das maiores escritoras norte-americanas por quatro décadas, vencendo o prêmio Pulitzer e depois o Nobel.

## 2 James Baldwin nos tempos de *Black Lives Matter*

Quando em 2015, três universidades nova iorqueenses decretarão um ano James Baldwin (THE NEW SCHOOL, 2015)<sup>4</sup> para festejar os oitenta anos do seu nascimento, Toni Morrison não apenas publica *God Bless the Child*, mas proclamará Ta-Nehisi Coates, o jovem escritor da revista *The Atlantic* e autor do livro *Between the World and Me*, como um novo Baldwin. Tendo sido fisgado por sua leitura de *The Fire Next Time*, Coates, como Morrison, era formado na prestigiosa universidade afro-americana Howard. Filho de um ex-Black Panther, escreve e entona seu texto em uma prosa hip-hop. Ao invés de enviar uma carta para seu sobrinho como Baldwin, para lhe alertar sobre o momento crítico da luta pelos direitos civis, Coates se expressara a seu filho para lhe alertar da ameaça com a qual viviam cotidianamente por causa da cor da sua pele.

Algum tempo antes do ano comemorativo de Baldwin, em 2012, ocorreria o assassinato de Trayvon Martin por um policial branco, que subsequentemente foi absolvido pelo crime. Foi em reação a isso que se formou a organização, Black Lives Matter, que então adquiriu notoriedade nacional quando organizaria manifestações em cidades estadunidenses cada vez que uma pessoa afrodescendente fosse assassinada por policiais. A marca que despertou o movimento foi em Ferguson, Missouri, em pleno segundo mandato do Presidente Barack Obama. Presente,

militante, insistente, mas vulnerável perante a violência da supremacia branca, o movimento tomou proporções continentais em 2020 quando houve mais um assassinato de um homem negro, Georges Floyd, por um policial branco que se ajoelhou sobre seu pescoço até lhe tirar o último sopro. Outros assassinatos ocorreram durante o movimento. Em um clima aberto de racismo institucional sustentado pelo "primeiro presidente branco" (COATES, 2017), como o denominou Coates em um artigo devastador publicado em 2018, o movimento pela justiça racial, Vidas Pretas Importam (BLM) se tornará uma força centralizadora para derrotá-lo.

Os acontecimentos em 2020 seguiram por apenas algumas semanas a premiação da historiadora Nikole Hannah-Jones, que recebeu um Prêmio Pulitzer por sua proposta de uma nova fundamentação da história dos Estados-Unidos, com o Projeto 1619. Publicado no quatrocentésimo aniversário da data em que os primeiros africanos escravizados chegaram na colônia de Virginia, Hannah-Jones foi alvo de ataques pelo poder executivo e o congresso norte-americanos, que ainda hoje ameaçam proibir o ensino da "teoria crítica da raça". Desde então, Hannah-Jones ampliou a frente, atraindo mais autores ao Projeto e publicando recentemente uma versão infanto-juvenil do livro. Trata-se de em um dos maiores desafios à data de 1776 como origem dos EUA desde que a 13ª foi emendada à Constituição.

Até 2015, Ta-Nehisi Coates era ensaísta e intelectual público. Um dos seus textos mais impactantes, publicado inicialmente na revista *The Atlantic* e reeditado em *We Were Eight Years in Power*, trata da questão das reparações devidas aos trabalhadores afro-americanos escravizados durante quatro séculos pela sociedade norte-americana. A mão de obra gratuita propiciada pela escravidão extraiu uma riqueza de seus corpos ao mesmo tempo que levou a sua destruição cultural e familiar. A maior contribuição de Karl Marx foi a de entender o processo de produção de riqueza

<sup>3</sup> *The Moral Responsibility of the Artist*. Conferência proferida por James Baldwin, na Universidade de Chicago, 21 de maio de 1963.

<sup>4</sup> Evento organizado em parte pelo Programa de Escrita Criativa das Universidades Columbia, Harlem Stage, New York Live Stage e New York School.

por meio de um mercado que, baseando-se em regras de oferta e demanda, na verdade explora a força de trabalho. Uma variável mais difícil a calcular até recentemente era o coeficiente da extração tanto de recursos naturais quanto da escravização de humanos, valores deixados fora da produção direta de mercadorias. No seu artigo de 2014, Coates usou mapas e dados disponíveis nas bibliotecas de alguns das maiores cidades norte-americanas para introduzir outro variável que impedia o acúmulo de riqueza entre populações negras nos EUA. Comprovou a existência de uma política da "canetada discriminatória" (*redlining*), praticada desde os anos 1930 com início do financiamento governamental de programas de aquisição de moradia para estimular a recuperação econômica. O objetivo do *redlining* era impedir que afro-americanos habitassem os mesmos bairros que os destinados às pessoas que desejem-se ser brancas (COATES, 2017).

A questão das reparações, portanto, trata de uma riqueza que continua sendo extraída de maneira programada das populações afrodescendentes, permitindo que apenas os imóveis possuídos por brancos possam crescer em valor. O artigo é visto como um dos vetores que estimulou a formação de Black Lives Matter, pois o policiamento ostensivo realizado por policiais racistas e violentas contra negros visa a impedir a mutação desta política econômica. Algo que já havia acontecido no final do século XIX, por exemplo, com o assim chamado Wall Street Negro na cidade de Tulsa, Oklahoma, destruído em 1921 por uma milícia branca.

No Brasil, além da privatização dos serviços públicos propiciada pela política de segregação e favelização, o setor público participa da aplicação de uma política similar de contenção de medidas distributivas das riquezas provenientes do trabalho. É importante lembrar como foram desviadas as reivindicações trabalhistas no início das jornadas de 2013 por grupos financiados por fontes empresariais anônimas. Enquanto a mídia branca castiga o poder público com a narrativa

de que os políticos colocam o país entre os mais tributados no mundo, e a classe média alta acusa os pobres de se endividarem junto com os bancos, fingindo não entender que o Banco Nacional trabalha em colusão com os bancos privados para endividar os consumidores, esconde-se o exercício de uma política programada para agravar a desigualdade e o empobrecimento principalmente da população afrodescendente. Ao contrário ao que se acredita, a tributação no Brasil sobre herança, patrimônio, lucros e até mesmo sobre renda (Imposto de Renda de Pessoa Física - IRPF), constam entre os *menores* do mundo, se comparamos especificamente as alíquotas pagas pelos dez por cento mais ricos da população. Enquanto isso, as taxas de juros efetivas mergulharam os outros noventa por cento do povo num ciclo de endividamento infernal sem saída, já que os juros estão entre os *mais altos do mundo*.<sup>5</sup>

Ao evocar estes dados num texto de teoria e história da literatura, pode-se parecer que estamos querendo apropriar áreas de pesquisa próprias à economia, senão politizar o campo. Vale reforçar como o conteúdo das difíceis experiências das vidas narradas na literatura brasileira afrodescendente, surgem devido a tais programas políticos ocultos pelos donos financeiros do país. A política fornece uma fonte material para o sofrimento, a violência e a injustiça que se disfarça no espaço midiático sob controle de apenas algumas famílias. Ainda urge esclarecer suas causas e indicar soluções para um público maior. Na obra de James Baldwin, Toni Morrison, Ta-Nehisi Coates, assim como aqui no Brasil as vozes de Conceição Evaristo, Itamar Vieira Junior e Jeferson Tenório fazem a distinção entre ficção e não-ficção secundária, até irrelevante. A arte da escrita não pertence apenas às formas canônicas, euroamericanas de expressão, pois esta já não fornece mais o único modelo de como criar arte, e ainda menos de como viver bem.

Toni Morrison alertou os escritores que "são eles que cantam a verdade. É algo que a socie-

<sup>5</sup> Cf. DOWBOR, Ladislau. *Juros extorsivos no Brasil: como o brasileiro perdeu seu poder de compra*. Imperatriz, MA: Ética, 2016.

dade deve proteger. Mas quando você adentrar este campo [...] é uma vocação perigosa. Alguém quer te cassar. Você precisa saber isto antes de começar, e o fazer sob estas circunstâncias, pois trata-se de uma das coisas mais importantes que um ser humano pode fazer" (RAO, 2016, tradução nossa).<sup>6</sup>

É por considerações como essa, que neste número de *Letrônica* nosso objetivo enquanto organizadores foi o de estimular uma reflexão sobre o legado de James Baldwin nos tempos em que o movimento Vidas Pretas Importam força nosso país a mudança. Abrimos o convite a pesquisadores do tema, tanto no que diz respeito à recepção e crítica norte-americana, quanto da brasileira. O conjunto de textos reunidos no dossiê delineiam estratégias analíticas, ao indicar perspectivas e interesses contemporâneos para o estudo de James Baldwin.

Iniciamos este número temática da revista *Letrônica* com uma contribuição do escritor e doutor Jeferson Tenório, recentemente premiado com o Jabuti por seu romance *O Avesso da Pele*. Em seu texto "Mil platôs numa terra estranha: o devir negro em James Baldwin" encontramos uma forma de distanciarmos de uma leitura que gostaria de ver na literatura de Baldwin apenas uma forma de engajamento político, concebendo a literatura como um experimento de invenção da realidade. No trabalho da linguagem, no plano de imanência literário, encontramos aquilo que é refratário ao mero espelhamento imaginário da biografia de James Baldwin.

A potência de sua escritura em se afastar do mundo empírico, de um mundo político que seria a origem do material histórico refletido em uma literatura engajada, vem da força do desejo que atravessa a literatura de Baldwin. Um desejo difuso e inapreensível, que podemos respeitar apenas se consideramos que na verdade seu desejo busca um agenciamento coletivo. Jeferson Tenório nos ajuda a compreender a força que maquina os fantasmas por trás dos delírios de

raça, considerando a concepção de devir-negro de Achille Mbembe.

Na proximidade do tema do desejo, encontramos recortes de subversão da sexualidade. Susana de Castro, professora e pesquisadora de filosofia da UFRJ, e presidenta da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), nos honra com uma análise sobre em *O Quarto de Giovanni*, recentemente retraduzido por Paulo Henriques Britto, em uma edição pela Companhia das Letras. Em "Questões de raça e colonialidade em *O quarto de Giovanni* de James Baldwin", a autora confronta o tema do desejo com o da identidade nacional americana, em suas crises sexuais e raciais.

Para Susana de Castro, apesar da sua recepção fraca no início, hoje percebemos que James Baldwin estava à frente de seu tempo. *O quarto de Giovanni* se tornou um clássico da literatura gay nas décadas de 1960-70, quando os movimentos de liberação sexual ferveriam. Mas suas representações superavam o perigo do essencialismo, que enquadra pessoas em certas identidades fixas. E por isso, para além de escritor negro ou gay, Baldwin também era um "escritor americano".

Pelo caminho da sexualidade, chegamos nas reflexões de Lunara Caroline Nascimento Gomes, em "A violência do heterossexismo racializado em James Baldwin e Maya Angelou". Partindo da força literária de *Terra estranha* de James Baldwin e de uma seleção de poemas de Maya Angelou, a autora fará uma análise interseccional do material, alicerçado no feminismo negro de Patricia Hill Collins e bell hooks, assim como nas dinâmicas de (não)reconhecimento racial de Franz Fanon.

Para a autora, no romance de James Baldwin a violência que mais lhe faz sofrer ao protagonista Rufus é o não reconhecimento enquanto homem (pelos brancos), fazendo com que sinta inferiorizado pelos outros e por si mesmo. Essa violência se reflete na contrariedade que os próximos expressarão sobre seu relacionamento inter-racial com Leona, moça branca. Uma violência em

<sup>6</sup> Do original: They're the ones that sing the truth. And that is something that society has got to protect. But when you enter that field, no matter whether that's Sonia's poetry or Ta-Nehisi's rather startlingly clear prose, it's a dangerous pursuit. Somebody's out to get you. You have to know it before you start, and do it under those circumstances, because it is one of the most important things that human beings do. [Trecho da fala de Toni Morrison, em debate com Ta-Nehisi Coates e Sonia Sanchez, no New York City's Ambassador Theatre].

nome da "honra da masculinidade" que será um reflexo de defesa da forma de masculinidade hegemônica. Já em sua análise dos poemas de Maya Angelou, Lunara Gomes irá recuperar trechos da história da personagem Jackson Coleridge, trabalhador negro que sofre abusos do chefe branco e os reproduz sobre sua família. Assim, através de Rufus e Coleridge temos um alerta sobre a encruzilhada de opressões operando na degeneração dos relacionamentos afetivos dentro da comunidade negra, consequências diretas da exploração colonial e da subjugação de pessoas escravizadas.

Dos dilemas da sexualidade ampliamos a reflexão sobre o tema da resistência do amor, no artigo "O amor como resistência: uma breve análise de *Se a rua Beale falasse*, de James Baldwin" de Valdomiro Santos Martins. No romance encontramos narrada a história de uma família afro-americanas, da perspectiva das dificuldades e angústias da protagonista Tish. Essa se apaixona ainda jovem por Fonny, sentimento que se fortalece até a solidificação do amor verdadeiro e incondicional que sentirão um pelo outro. Enquanto jovem casal, sonharão com uma vida juntos no centro da cidade, longe da comunidade negra, no centro da cidade. Entretanto, Fonny será preso sob falsa acusação de estupro, enquanto Tish se descobre grávida. Com o apoio da família, a jovem protagonista buscará forças para sustentar a vinda do filho, ao mesmo tempo em que luta para provar a inocência de seu companheiro. Nos episódios de perseguição policial e posterior encarceramento, encontramos a ponta de um extenso sistema de exploração social e crueldade racista. Mas, apesar de toda dureza, a personagem Tish ainda encontra esperança, aprendendo a vivê-la com sua família e com Fonny.

Assim, em *Se a rua Beale falasse*, James Baldwin constrói personagens que lidam com problemas sociais dos afro-americanos, sob a ótica de seu pensamento crítico. A sugestão do autor é de que não há como simplificar a mensagem de Baldwin, mas que ela certamente

passa por uma redefinição do amor, não como algo fácil ou sentimental, e sim como uma força compromissada e honesta, capaz de unir a sociedade de forma mais sólida do que as forças que ameaçam despedaçá-la.

Passamos então para uma crítica do estereótipo como ferramenta de controle simbólico e denúncia do encarceramento em massa de jovens negros, com "*Sonny's Blues*, de James Baldwin, e a literatura como canção urgente para o nosso tempo" de Jânderson Albino Coswosk e Maria Aparecida Andrade Salgueiro. Os autores encontrarão no conto *Sonny's Blues* de James Baldwin uma estratégia de denúncia das imagens de controle como a do "negro criminoso", que servem para marginalizar e patologizar a juventude negra e justificar a violência policial sobre ela.

Na tessitura narrativa desse conto, James Baldwin buscou dramatizar a juventude afro-americana do Harlem, como grupo social tragicamente vitimado pelas tensões raciais dos Estados Unidos. Narrado em primeira pessoa, na história os personagens são ameaçados pela discriminação policial, desemprego, dificuldade de moradia, dependência química, encarceramento, isolamento e ideias suicidas. Mas através da captação dos ritmos do blues, sua tradução para uma escrita musical, foi o modo como James Baldwin encontrou nesse conto, para lutar contra a morte, a guetização dos espaços, o confinamento e a perseguição policial. Assim, para os autores, a personagem Sonny se converte em uma linha de fuga, superando o dado histórico da morte através da arte.

É nesse percurso que encontramos a aproximação que Luíza Simões de Oliveira faz em "*Sonny's Blues*, de James Baldwin, e a literatura como canção urgente para o nosso tempo", a partir da base teórica de Lélia Gonzalez, Silvio Almeida, bell hooks, Frantz Fanon, assim como pesquisadores brasileiros que estudam Trindade ou Baldwin. A pesquisadora busca estabelecer um estudo sobre proximidades e distanciamentos, na análise de um conjunto de poemas de ambos os escritores. A consciência do racismo e

procura de uma superação por via do confronto com a perspectiva branca, aproxima ambos, ainda que se apresente de formas distintas em cada um. Aquilo que se por vezes se apresenta como uma solidão coletiva do negro em James Baldwin, traduz-se numa expressão de luta coletiva em Solano Trindade. Este fala do povo negro como quem fala de um núcleo familiar, um grupo com histórias, vivências e desejos, que formam um todo comunitário. O que não quer dizer que sejam perspectivas opostas, mas sim que seu modo de participação e subjetividade de Baldwin talvez fosse mais introvertida do que a de Trindade, em uma tentativa de mostrar, através do íntimo e particular, a experiência de todo um grupo.

Para a autora, uma explicação dessa distinção seria uma das diferenças de formação da expressão poética de Trindade e Baldwin, em experiências distintas de racismo. Enquanto nos Estados Unidos o racismo estava codificado em leis, lá há uma memória ainda viva do segregacionismo oficializado. Já na América Latina e no Brasil, o racismo foi institucionalizado silenciosamente, com legislação mais sutil, mas igualmente trágica para as possibilidades de ascensão da comunidade negra. Lélia Gonzalez falará do racismo brasileiro como racismo por denegação, operando por via da falácia da democracia racial.

Passamos por fim ao artigo cuja temática crítica se aproximam do dossiê, mas que não tematiza diretamente James Baldwin. No artigo "Violência, desilusão e sobrevivência em *Tio me dá só cem*, de João Melo", Renata Cristine Gomes de Souza procura investigar como a resistência à violência e a desilusão aparecem no conto do escritor angolano.

O conto "Tio me dá só cem" é narrado em primeira pessoa, e o protagonista conta sua história para um passante a quem chama de tio. O texto é encadeado com poucas pausas, demarcando o nervosismo e confusão do morador de rua que é o narrador do conto. Em sua fala, procura fazer o receptor olhá-lo para além de um tipo social miserável e fragilizado, comentando seu grau escolaridade, seu conhecimento de outras regiões etc. Para a autora, o esforço em romper com a

invisibilidade mostra a falta de atenção de uma sociedade que não quer lidar com o sofrimento de suas camadas excluídas.

Um dos momentos mais dramáticos será a narração do ato de assassinato de um homem abastado, que o narrador encontra em um beco explorando sexualmente uma menor de idade. Parte do argumento do narrador é que sente como se a jovem pudesse ser sua irmã. Assim, a dor e humilhação vivenciados no abandono da rua, se manifestam em uma resposta também violenta. Outro momento bastante denso são as memórias dos tempos em que vivia na zona rural, e do sofrimento que a mãe sofreu torturas durante a guerra de independência. O conto conclui com a sensação de solidão do narrador, que vive marcado pelo medo da brutalidade urbana. O que sugere, para a autora, que sobreviver seja uma forma impensada de lidar com o que pode estar por vir, reagindo e lidando com a perda conforme ela tente determinar a própria trajetória.

## Referências

COATES, Ta-Nehisi, The First White President. In: COATES, Ta-Nehisi. *We Were Eight Years in Power: an American Tragedy*, New York: One World Publishing Co., 2017. p. 341-367.

COATES, Ta-Nehisi. Notes from the Sixth Year: The Case for Reparations In: COATES, Ta-Nehisi. *We Were Eight Years in Power: an American Tragedy*, New York: One World Publishing Co., 2017. p. 151-209.

BALDWIN, James. An Open Letter to my Sister, Ms. Angela Davis. *The New York Review*, New York City, Jan. 7, 1971. Disponível em: <https://www.nybooks.com/articles/1971/01/07/an-open-letter-to-my-sister-miss-angela-davis>. Acesso em: 2 out. 2021.

JAMES Baldwin: the Price of the Ticket. Direção: Karen Thorsen. Connecticut: DKDmedia, 1986. color. (1 hr. 26 min).

MORRISON, Toni. Elogio para James Baldwin. In: MORRISON, Toni. *A Fonte da Auto-estima: Ensaio, discurso e reflexões*. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 228-229.

JAMES Baldwin's National Press Club Speech (Washington, 1986). Publicado pelo canal The Post Archive, 13 jan. 2019. (56 min). Palestra do escritor James Baldwin. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7\\_1ZEYgtijk&t=1827s](https://www.youtube.com/watch?v=7_1ZEYgtijk&t=1827s). Acesso em: 14 mar. 2022.

JAMES Baldwin: The Moral Responsibility of the Artist. (University of Chicago, 21 de maio de 1963). Publicado pelo canal The Post Archive, 6 maio 2017. (1 h 04 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLnDbqLNv-M>. Acesso em: 14 mar. 2022.

THE NEW School: The Year of James Baldwin – Another Country: Seeing Place from a Distance, with Dante Michaux and Darryl Pinckney. Publicado pelo canal de The New School, Mar 26, 2015. (1 hr. 12 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42DzMTFILkk>. Acesso em: 14 mar. 2022.

RAO, Sameer. Ta-Nehisi Coates, Sonia Sanchez and Toni Morrison Talk Dangers of Art. In: *Colorlines*, 2016.

Disponível em: <https://www.colorlines.com/articles/ta-nehisi-coates-sonia-sanchez-and-toni-orrison-talk-dangers-art>. Acesso em: 14 mar. 2022.

---

### Norman Roland Madarasz

Doutor em Filosofia francesa contemporânea pela Université de Paris 8 - Vincennes à Saint-Denis; mestre em Filosofia pela mesma instituição, em Paris, França; graduação em filosofia pela McGill University, em Montréal, Canadá. Professor permanente dos PPG em Letras e em Filosofia (Escola de Humanidades) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

---

### Jonas Kunzler Moreira Dornelles

Mestre na linha de pesquisa de Teoria, Crítica e Comparatismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre na linha de pesquisa Literatura, História e Memória pela Pontifícia Universitária Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; doutorando em Teoria da Literatura (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista CNPq.

---

### Endereços para correspondência

*Norman Roland Madarasz*

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Avenida Ipiranga, 6681, Prédio 8, sala 402.2  
Partenon, 90619-900  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Jonas Kunzler Moreira Dornelles*

Av. Nilo Ruschel, 523  
Vila Petrópolis, 91260-220  
Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*